

A Voz da Investigadora na Investigação Narrativa: Problemas e Possíveis Soluções¹

Beatriz Marques Gonçalves²

Resumo: As histórias fazem parte da vida dos seres humanos: é através destas que criam as suas identidades individuais e de grupo, partilham experiências e criam laços. No contexto das ciências sociais, as histórias começam a ganhar relevo, tanto como objeto de estudo como metodologia de investigação, a partir do início do século XX. A investigação narrativa torna-se, assim, uma prática que envolve investigadora e pessoa participante na sua construção. Neste ensaio, pretendo problematizar diferentes questões ligadas à relação entre investigadora e participante, particularmente a questão da presença da voz da investigadora. Para tal, irei explorar a utilização da narrativa enquanto metodologia de investigação e a dimensão dialógica inerente à construção de histórias para investigar a relação da investigadora com a pessoa participante e os problemas que podem surgir do confronto entre a presença de duas vozes na construção de uma história. Esta análise será complementada com a apresentação de exemplos concretos de possíveis soluções para contornar estes problemas, como a utilização da primeira pessoa do singular para representar as vozes das pessoas participantes e o recurso a diferentes participantes para evitar tecer generalizações sobre grupos específicos. Visto ser uma construção feita entre investigadora e pessoa participante, a investigação narrativa deve focar-se nas vozes que quer representar, minimizando, para tal, o impacto que a presença inevitável da voz da investigadora possa ter.

Palavras-chave: investigação narrativa, voz, pessoa participante, metodologias.

A Voz da Investigadora na Investigação Narrativa: Problemas e Possíveis Soluções

“People live stories and in telling of them reaffirm them, modify them, and create new ones”, afirmam Clandinin e Connelly (1994: 415 apud Savin-Baden & Niekerk, 2007: 462). É através de histórias que os seres humanos criam as suas identidades individuais e de grupo, partilham as suas experiências de vida e criam laços entre si. No contexto das ciências sociais, as histórias começaram a ganhar relevo no início do século XX e ainda hoje são utilizadas como fonte de conhecimento e como

¹ Ensaio originalmente elaborado em julho de 2021 no âmbito do seminário “Metodologias – Estudos de Referência”, ministrado pela Doutora Sílvia Portugal (Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra).

² Doutoranda no Programa de Doutoramento Discursos: Cultura, História e Sociedade da Universidade de Coimbra (CES/FLUC/FEUC). Bolseira de doutoramento (FCT 2022.13155.BD).

metodologia de investigação (a investigação narrativa). Baseada na partilha de experiências e memórias, a narrativa torna-se, assim, numa prática que envolve investigadora e pessoa participante na sua construção, o que pode eventualmente originar alguns problemas nas diversas fases da investigação, nomeadamente relacionados com as vozes das duas partes. Neste ensaio, pretendo explorar diferentes questões ligadas a esta relação entre investigadora e participante, nomeadamente a questão da presença da voz da investigadora, apresentando também possíveis soluções para evitar que esta voz domine a voz da pessoa participante. Para tal, irei primeiro explorar a narrativa como metodologia de investigação, explorar a dimensão dialógica da construção de histórias, explorar a relação da investigadora com pessoa participante e os problemas que podem surgir do confronto entre as suas vozes e, finalmente, analisar exemplos de obras que apresentam possíveis soluções para estes problemas.

A Narrativa como Metodologia de Investigação

A investigação narrativa é uma metodologia baseada na premissa de que a experiência humana está imbuída de histórias e, conseqüentemente, estas constituem meios através dos quais investigadores podem aceder às experiências vividas e contadas de indivíduos ou grupos (Savin-Baden & Niekerk, 2007), bem como aos significados que estes atribuem a determinados episódios das suas vidas. Esta metodologia permite, desta forma, que o foco da investigação seja colocado na experiência individual ou coletiva das pessoas a serem investigadas. Gillian Byrne (2017) acrescenta, ainda, que, para além de metodologia de investigação que consiste na recolha e análise de dados em forma de história, a narrativa é também uma forma de apresentar estes dados e a sua interpretação. Por exemplo, para construir a história de vida de uma pessoa, a investigadora irá primeiro entrevistar a pessoa em causa. Esta entrevista será depois transcrita, editada e interpretada pela investigadora com o objetivo de construir uma narrativa, geralmente ordenada cronologicamente, que conte a história de vida da pessoa entrevistada (Ojermark, 2007, apud Goodson & Gill, 2011).

O uso desta metodologia de investigação inicia-se no começo do século XX, com os primeiros estudos de antropólogos sobre povos ameríndios (Goodson & Gill, 2011).

Segundo os mesmos autores, a utilização da narrativa como método científico surge no contexto de diversos debates filosóficos sobre as relações entre o self e o Outro e entre as dinâmicas sociopolíticas da sociedade, o que levou investigadores das ciências sociais a refletir sobre o seu papel e influência nas suas investigações (Goodson & Gill, 2011). Até aí, as ciências sociais eram dominadas pelo paradigma positivista, que colocava a investigadora “fora” do mundo sob investigação, apelando a uma ciência neutra e objetiva. Estes pressupostos começaram, então, a ser desafiados por estes debates e pela necessidade de se adotar uma visão das ciências sociais mais reflexiva e interpretativa, onde também se reconhece o papel da investigadora como fundamental para a construção do conhecimento científico (Bochner & Riggs, 2014; Savin-Baden & Niekerk, 2007). Tal abordagem construtivista das ciências sociais permitiu, assim, que se abrissem espaços de discussão acerca da posição da investigadora face à sua investigação, aos métodos escolhidos e a preconceitos existentes que poderiam eventualmente influenciar a recolha e interpretação dos dados. Após gozar de bastante popularidade até à década de 1930, a narrativa como método científico cai em desuso. Anos mais tarde, na década de 1970, ganha destaque ao ser utilizada pela Escola de Sociologia de Chicago e, mais tarde, pelas cientistas sociais feministas, que adotam esta metodologia pela sua primazia da subjetividade.

É esta subjetividade que evidencia o poder da narrativa como método de investigação. Howard Becker, ao comentar uma das obras pioneiras no âmbito da investigação narrativa, afirma que esta metodologia permite aceder a vozes e culturas às quais os sociólogos não teriam acesso de outra forma, o que leva a que estes cientistas se possam aperceber dos preconceitos e juízos de valor que teriam sobre as vozes e culturas em causa (Becker, 1970, apud Goodson & Gill, 2011). Para além de incentivar a autorreflexão por parte da investigadora das ciências sociais, a narrativa tem potencial para dar voz e ampliar vozes que, outrora, seriam silenciadas ou esquecidas. Esta característica, de acordo com Goodson e Gill (2011), faz com que a narrativa funcione como resposta às estruturas políticas dominantes que tendem a ignorar grupos minoritários, abrindo espaço para que as suas vozes sejam ouvidas e desafiando as instituições sociais que as rodeiam. Afinal, é um método que potencia a multiplicidade de vozes nas ciências sociais, indo ao encontro da conceção de conhecimento científico proposta por Paul Feyerabend: “A variedade de opiniões é

necessária para o conhecimento objetivo. E um método que estimule a variedade é o único método compatível com a conceção humanitarista” (1993: 57). Ao estimular a coexistência de várias vozes e diferentes opiniões, a narrativa enquanto metodologia de investigação torna evidente a influência que a investigadora tem no mundo à sua volta e o potencial que esta e as suas investigações têm para transformar o mundo. Consciente disto, cabe à investigadora desenhar a sua trajetória de investigação cuidadosamente. Como sublinha John Law (2004), o desafio, para a investigadora de ciências sociais, é manter-se envolvida na sua investigação e no mundo que está a criar e transformar e não, como nos diz a visão positivista da ciência, tornar-se invisível e neutra perante o que está a estudar.

No entanto, fazer com que a investigadora se torne visível durante a trajetória de investigação, mas mantendo o foco nas vozes da pessoa ou do grupo a ser estudado, levanta algumas questões problemáticas com as quais esta se deve confrontar. De acordo com Norman Denzin (1997), a escrita de narrativas apresenta várias questões complexas que se podem transformar em graves problemas caso a investigadora não as resolva (ou tente resolver). Estas questões estão ligadas à relação entre texto, investigadora e participante e à subjetividade inerente a este método. De forma sucinta, as questões sublinhadas pelo autor são as seguintes: o ‘real’ e a sua representação textual; o texto e a sua autora; a representação textual da experiência vivida; e os significados que a narrativa tem para a pessoa participante (Denzin, 1997). Estas quatro questões estão intimamente ligadas ao problema da representação, que se foca na relação entre investigadora, objeto de estudo e texto. Deixar de assumir que a investigadora assume um papel neutro e distanciado do seu objeto de estudo significa aceitar que esta pertence ao mesmo mundo que o seu objeto de estudo e que as suas escolhas e preconceitos influenciam o rumo da investigação (desde a escolha do objeto de estudo, ao desenho do projeto, à escolha de perguntas para entrevistas) e a sua relação com o mundo e com o objeto de estudo. Esta influência pode ser mais ou menos intrusiva, tornando-se um desafio para investigadores que utilizem a narrativa como método de investigação, pois estes devem confrontar-se com a sua própria voz e desenhar estratégias para que esta não silencie a voz das pessoas e grupos cujas histórias pretendem representar.

O Papel e a Voz da Investigadora

Para se compreender melhor a questão da intrusão da voz da investigadora nas suas pesquisas, deve-se, em primeiro lugar, olhar para a linguagem como ponto de partida. Uma visão positivista da ciência diria que é possível utilizar uma linguagem neutra e livre de subjetividade: a linguagem científica. No entanto, como mencionado anteriormente, no início do século XX, a objetividade da linguagem científica começa a ser questionada e outras formas de investigação começam a ser procuradas e adotadas pelos cientistas sociais. Opondo-se ao positivismo, o construtivismo parte do pressuposto que todo o conhecimento sobre o mundo é uma construção social, algo que também influencia a linguística enquanto área do conhecimento científico. Neste sentido, Bochner e Riggs (2014) sublinham que a linguagem não é apenas uma ferramenta que é utilizada para descrever a realidade, mas sim parte constitutiva desta realidade. O contacto entre a investigadora e o mundo é mediado por linguagem: é através da linguagem que a investigadora acede às realidades que estuda e que cria conhecimento científico sobre as mesmas. Por seu lado, a pessoa ou grupo em estudo pela investigadora também usam a linguagem como ferramenta para contar a sua história de vida e, ao fazê-lo, constroem as suas experiências. Como afirma Denzin: “Language and speech do not mirror experience: They create experience and in the process of creation constantly transform and defer that which is being described. The meanings of a subject’s statements are, therefore, always in motion” (1997: 5). A linguagem, escrita ou falada, não tem capacidade de espelhar a experiência vivida pelas pessoas tal como foi, efetivamente, experienciada. Para além disso, a linguagem é, de acordo com Norman Fairclough, uma forma de prática social: “What does this imply? Firstly, that language is a part of society, and not somehow external to it. Secondly, that language is a social process. And thirdly, that language is a socially conditioned process, conditioned that is by other (non-linguistic) parts of society” (1989: 22). Tal significa que a linguagem utilizada tanto pela investigadora como pelas pessoas e grupos que investiga irá condicionar as suas relações interpessoais, pois tem uma carga histórico-social que irá afetar a forma como estas diferentes pessoas experienciam o mundo, como se relacionam com outras pessoas e como contam as suas experiências. Tendo em conta estas características, cabe à investigadora

confrontar-se com a sua relação com a linguagem que utiliza para criar e descrever o mundo à sua volta, pois tal irá influenciar o rumo da sua investigação.

Partindo do princípio de que a linguagem é uma construção social e de que esta é constitutiva da realidade, é possível afirmar que as narrativas são, também elas, construções realizadas pelas pessoas e pela investigadora. Durante uma entrevista, por exemplo, a história que é contada pela pessoa entrevistada depende, em parte, das perguntas realizadas pela investigadora, responsável por guiar a entrevista para obter as informações que procura. No entanto, a pessoa entrevistada responde conforme a sua interpretação das perguntas, que é pessoal e pode ser influenciada pelo contexto em causa, podendo levar a uma mudança do rumo da entrevista. Por outras palavras, as histórias partilhadas no contexto de uma entrevista (ou, no geral, no contexto de uma investigação narrativa) são produzidas tanto pela pessoa entrevistada como pela investigadora (Savin-Baden & Niekerk, 2007). Trata-se de um processo de co-construção e negociação constante de uma narrativa que é, ao mesmo tempo, uma experiência partilhada em que ambas as partes constroem, também, uma realidade. Segundo Law (2004), qualquer método de investigação, mais do que descrever, cria realidades. Devido à multiplicidade de realidades que podem ser construídas, o autor propõe utilizar-se a alegoria como método para melhor trabalhar esta variedade e sobreposição de realidades (Law, 2004). Uma alegoria é uma narrativa em que os eventos e personagens apresentados representam ideias particulares relacionadas com a política, religião ou a moral (Cambridge Dictionary, n.d.). Partindo de algo como um acontecimento ou uma personagem, a alegoria gera múltiplas realidades e diversos significados e leituras, sendo, por isso, um método generativo e pluralista (Law, 2004). A alegoria pode, então, ser vista como uma qualquer narrativa gerada no contexto da investigação narrativa, visto que as histórias construídas e partilhadas pela pessoa entrevistada e pela investigadora constroem realidades repletas de significados diversificados que dependem do contexto e dos valores, crenças e perspetivas de quem os interpreta. Estas histórias são, portanto, subjetivas, visto que a sua construção depende da colaboração entre a pessoa entrevistada e a investigadora, em que juntas negociam e criam realidades, abrindo espaço para que novos significados e vozes sejam ouvidos.

A co-construção de narrativas implica a existência e manutenção de uma relação entre a investigadora e a pessoa entrevistada. Sendo um processo colaborativo com vista à produção de uma narrativa na voz da pessoa entrevistada, é também um processo de aprendizagem para ambas as partes, onde existe partilha de experiências vividas e onde a dinâmica entre investigadora, pessoa entrevistada e o mundo que as rodeia é negociada constantemente (Goodson & Gill, 2011). É, por isso, imprescindível que a investigadora considere determinadas questões para fomentar uma relação saudável com a pessoa entrevistada para que o processo de recolha de dados (neste caso, uma entrevista) seja realizado de forma transparente, cabendo à investigadora informar, de antemão, a pessoa entrevistada dos objetivos do estudo e do propósito da entrevista, de forma a que esta não cause um impacto negativo na sua vida. Para que tal se concretize, a relação entre investigadora e pessoa entrevistada deve ser colaborativa, como explorado anteriormente, e ser baseada no diálogo e na empatia, sendo que ambas as partes devem também ter consciência da dimensão subjetiva da relação e das histórias construídas e partilhadas (Hitchcock & Hughes, 1995). Por outras palavras, tanto a investigadora como a pessoa entrevistada devem partir do princípio de que a entrevista faz parte de um processo de construção do conhecimento que é influenciado pelas experiências e perspetivas das duas partes, o que faz com que o produto final seja, efetivamente, construído por ambas. Por conseguinte, Goodson e Gill (2011) acrescentam que esta relação interpessoal deve ser baseada no respeito mútuo, sublinhando que a investigadora não deve ver a pessoa entrevistada como um instrumento para atingir os objetivos do projeto de investigação, mas sim como uma pessoa que se encontra numa situação vulnerável, ao partilhar as suas experiências com alguém que não conhecerá de antemão o que, conseqüentemente, exige à investigadora uma maior sensibilidade ao conduzir a entrevista.

Para a investigação, esta relação apresenta ainda alguns desafios éticos que devem ser considerados pela investigadora. No capítulo introdutório de *Walking the Tightrope: Ethical Issues for Qualitative Researchers* (2002), Will C. van den Hoonaard aponta para alguns dos problemas éticos com os quais investigadores qualitativos de ciências sociais se deparam no decorrer das suas investigações. Para além de questões como o anonimato e o consentimento informado das pessoas participantes, van den Hoonaard (2002) refere que uma das questões éticas que surgem dentro do contexto

da relação entre investigadora e a pessoa em estudo é a questão da presença da voz da investigadora ao longo das várias etapas da sua investigação, algo que vai ser explorado mais adiante. Um outro problema ético que advém da relação investigadora com as pessoas participantes é o impacto que a relação e a investigação pode ter nestas últimas (Goodson & Gill, 2011), visto que se encontra num contexto em que irá partilhar as suas experiências vividas a partir de perguntas que podem não ser as esperadas e cujas potenciais respostas podem deixar a pessoa em causa desconfortável. Tendo em conta que a investigação narrativa não tem um conjunto de procedimentos definidos e rigorosos que devem ser seguidos pela investigadora para que os resultados sejam aceites pelos pares e pela comunidade científica, este pode também ser um obstáculo para a manutenção de uma relação positiva, com base no respeito mútuo e na colaboração, entre investigadora e pessoa participante. No entanto, como sugestão para ultrapassar eventuais constrangimentos relacionados com esta questão, alguns autores sublinham a necessidade de, após a análise e interpretação dos dados obtidos a partir de entrevistas pela investigadora, partilhar com as pessoas participantes o resultado deste processo inicial, para que estas verifiquem e confirmem a veracidade e autenticidade das representações das suas experiências vividas (Ollerenshaw & Creswell, 2002). Visto que cabe à investigadora recontar as histórias partilhadas pelas pessoas participantes, a inclusão deste passo no decorrer do projeto de investigação contribui para a manutenção de uma relação mais igualitária entre investigadora e participantes, como refere Erin Mills (2002).

O Confronto entre as Vozes da Pessoa Participante e da Investigadora

O esforço para construir uma relação baseada no respeito mútuo entre investigadora e pessoa participante é, no entanto, apenas uma das estratégias que a investigadora que trabalha com narrativas pode adotar para evitar que a sua voz seja intrusiva e coloque a voz da pessoa participante em segundo plano. Considerando que as narrativas são uma co-construção feita por ambas as partes, é necessário que a investigadora conheça e reflita sobre outras estratégias durante o planeamento e a execução das diversas fases do projeto de investigação para que a tónica seja sempre colocada nas vozes das pessoas entrevistadas. Como menciona Dan O'Sullivan (2015),

todos os procedimentos inerentes à investigação narrativa, desde a construção de histórias à representação das vozes e experiências das pessoas participantes, contribuem para o desenvolvimento da voz da investigadora. Para que esta voz não entre em conflito com as vozes que, de facto, devem ser ouvidas, a investigadora deve, em primeiro lugar, identificar o contexto no qual a história será narrada e, seguidamente, posicionar-se face a este, à história contada e a quem a conta (Bochner & Riggs, 2014), refletindo também sobre o próprio contexto da investigadora e a existência de preconceitos sobre o contexto sociocultural onde se insere a pessoa participante. Esta reflexão é de extrema importância visto que cabe à investigadora representar as experiências que lhe foram relatadas, o que significa que irá selecionar, analisar e interpretá-las de forma a criar uma narrativa coerente e coesa. Todos estes passos envolvem interferir com o que foi narrado pelas pessoas participantes, sendo que as decisões da investigadora sobre o que incluir e excluir, o que alterar e como fazê-lo, entre outras, irão afetar as vozes das pessoas participantes e como estas são lidas e interpretadas por outros. Tais atos podem levar a que as experiências e vozes das pessoas participantes sejam tratadas e lidas como dados fixos e objetivos, pelo que a investigadora deve abraçar o desafio de evitar cair nesta armadilha e, como referem Bochner e Riggs (2014), deixar claro que estas pessoas não são apenas objetos de estudo, mas sim pessoas que co-constroem, em conjunto com a investigadora, experiências e significados através das suas narrativas.

Para além disto, visto que as narrativas são analisadas e interpretadas pela investigadora que, previamente, terá reunido, lido e analisado um vasto conjunto de bibliografia sobre o tema que está a investigar, esta também deve considerar a influência que toda a literatura sobre o tema do seu projeto terá na sua análise e interpretação das narrativas (Bochner & Riggs, 2014). Tal preocupação prende-se com o facto de, durante as entrevistas com vista à recolha de narrativas, a investigadora pode deparar-se com ideias, perspetivas ou experiências que a surpreenderão ao entrarem em conflito com a literatura existente sobre o seu tema de pesquisa. É, então, imprescindível que a investigadora se mostre aberta a aceitar e incluir eventuais contradições entre dados recolhidos e literatura existente, evitando, assim, rejeitar estes dados ou histórias com base no que foi observado anteriormente por outros investigadores. Como avisa Feyerabend, tal ato contribuiria “para a preservação do que

é antigo e familiar, não porque seja portador de qualquer inerente vantagem – não porque esteja melhor fundamentado na observação do que a alternativa de sugestão recente ou porque seja mais elegante – mas apenas por ser mais antigo e familiar” (1993: 48), não estando de acordo com os pressupostos de um método pluralista que abrace a multiplicidade de realidades e vozes para a construção de uma ciência mais humanista.

A rejeição de narrativas ou elementos destas que possam contradizer dados da literatura existente é uma forma de intrusão da voz da investigadora. Para evitar tal intrusão que poderá levar ao silenciamento das vozes das pessoas participantes, Arthur Frank (2010 *apud* Bochner & Riggs, 2014) alerta para a importância de se adotar o ponto de vista de quem conta a história; de outra forma, corre-se o risco, segundo o mesmo autor, de não se reconhecer o porquê daquela narrativa ser tão significativa para quem a conta. Aqui, uma das táticas que se podem adotar é reconhecer a importância da relação entre linguagem e contexto, no âmbito da análise discursiva. Durante uma entrevista entre investigadora e pessoa participante, a primeira irá gravar a entrevista e tomar notas do que ouve para adaptar as suas perguntas conforme as respostas dadas. Após esta fase, a investigadora irá transcrever a entrevista, transformando o material em áudio para a escrita. Como afirma Martin Montgomery (2008), a transferência do produto de uma conversa falada para um outro meio (a escrita) levanta alguns problemas. Isto porque há determinadas características da fala espontânea que, durante o momento da conversa, não impedem o fluxo da conversa nem a compreensão entre ambas as partes (Montgomery, 2008). No entanto, estas mesmas características, quando transcritas, podem levar a que a investigadora as ignore porque fazem com que o texto pareça estranho e de difícil compreensão. Enquanto para a apresentação dos dados é importante que este texto esteja escrito de forma compreensível e coerente, o que leva ao desaparecimento destas características da fala espontânea, é igualmente importante que a investigadora tome nota destas características e as tenha em consideração durante a análise e interpretação das narrativas recolhidas. Características da fala espontânea como back-channel behaviour, que consiste num conjunto de gestos e posturas (comunicação não-verbal), expressões fáticas ou sons (comunicação verbal) que constituem reações do ouvinte ao que está a ouvir, ou markers of sympathetic circularity, que são expressões que indicam aos

participantes da conversa de que partilham o mesmo contexto (evitando, por isso, explicitar certas questões), são relevantes para uma melhor análise e compreensão do que foi contado pelas pessoas participantes. Estas pistas permitem à investigadora perceber se, por exemplo, as pessoas estão a omitir algo ou, ainda, que emoções sentem ao narrar determinadas experiências e acontecimentos. Visto que as narrativas e a investigação narrativa são pautadas pela intersubjetividade, torna-se imprescindível incluir estas observações para que o retrato construído seja completo e que mantenha a tónica na pessoa participante e nas suas experiências vividas.

Incluir estes detalhes e observações exige que a investigadora seja uma ouvinte atenta e eficiente, conjugando isto com a condução da entrevista e a formulação de perguntas. Durante este processo, deve também adaptar a sua voz conforme as pistas que a pessoa entrevistada vai oferecendo, de forma a manter uma relação estável e de respeito mútuo entre ambas. O'Sullivan (2015), baseando-se nos três tipos de voz que a investigadora pode assumir, para explicitar o seu envolvimento enquanto investigador num projeto de investigação que incidia sobre as experiências de jovens professores, conclui que se deve considerar a evolução da voz da investigadora e de como esta se desenvolve com o decorrer do projeto de pesquisa. Os três tipos de voz (interactive, authoritative ou supportive) atingem diferentes objetivos. Quando a investigadora adota uma voz autoritária, não significa que irá desrespeitar ou menosprezar a voz da pessoa participante, mas que se irá basear num conjunto de literatura de suporte teórico para a analisar e interpretar. Por outro lado, a adoção de uma voz interativa colocaria o foco na interação da investigadora com a pessoa participante ou nas reflexões que a investigadora faz sobre o processo das entrevistas. Por último, a voz solidária levaria a investigadora a adotar uma postura empática face aos relatos das pessoas participantes. Ao longo do percurso, cabe à investigadora explorar o seu uso dos três tipos de voz para melhor conduzir entrevistas e continuar o seu projeto de investigação, contribuindo para a manutenção da sua relação com as pessoas participantes.

Independentemente do tipo de voz que for adotado pela investigadora, esta deve ter em consideração que a sua voz não deve interferir ou sobrepor-se à voz da pessoa participante pois, afinal, é esta voz a que se pretende ouvir. Vários autores exploraram já algumas estratégias para separar esta voz e a da investigadora, explicitando a

coexistência de ambas durante as diversas fases do projeto de investigação. Savin-Badden e Van Niekerk (2007) apresentam quatro estratégias a adotar no momento da entrevista: formular perguntas abertas, estimulando respostas abertas por parte da pessoa participante; evocar histórias, abrindo espaço para que a pessoa se sinta confortável para partilhar as suas experiências e memórias; evitar fazer perguntas que comecem com 'porquê', e, finalmente, parafrasear a pessoa participante para dar seguimento à entrevista. Estas estratégias sugeridas contribuem para que a entrevista não se cinja às perguntas e objetivos iniciais da investigadora e para que a pessoa participante tenha espaço para interpretar livremente as perguntas realizadas e responder, também livremente, de acordo com as suas interpretações. Para além disso, ao estimular respostas abertas por parte da pessoa entrevistada, a investigadora irá contribuir para que a tónica se mantenha na pessoa em causa, visto serem as suas respostas que irão influenciar as perguntas seguintes (ou seja, a entrevista). Uma outra estratégia, apontada pelas mesmas autoras, é a utilização da primeira pessoa do singular durante a fase de apresentação dos resultados (Savin-Baden & Niekerk, 2007). Esta estratégia permite à investigadora explicitar a presença da sua voz e, para além disso, clarificar as suas interpretações e reflexões pessoais, separando, assim, a sua voz das vozes das pessoas entrevistadas. Para complementar o uso da primeira pessoa do singular, Savin-Badden e Van Niekerk (2007) sugerem ainda incluir uma pequena biografia das pessoas entrevistadas, localizando-as no seu contexto específico como indivíduos e como grupo. A adoção desta estratégia contribui não só para destacar as vozes destas pessoas como também para que os dados sejam interpretados a partir das suas histórias e dos seus contextos específicos. Tendo em conta que todo o processo de investigação exige que a investigadora reflita constantemente sobre a sua voz e a sua influência na pesquisa, Valerie J. Janesick (2014) propõe a escrita frequente de um diário como uma ferramenta que estimule a autorreflexão sobre as experiências, emoções e conflitos vividos pela investigadora. Esta prática irá também, segundo a autora, permitir que a investigadora explore e entenda melhor o seu papel. Janesick (2014) sugere, ainda, incluir este diário no conjunto de dados recolhidos pela investigadora, de forma a complementar as suas observações obtidas durante o trabalho de campo, análises e interpretações no momento de apresentação dos resultados. Apesar de ainda não ser convencional, é algo que está alinhado com a

máxima “vale tudo” de Feyerabend (1993) e a sua defesa de um método pluralista e inclusivo, que conjuga várias vozes e realidades para a construção do conhecimento científico.

Na Prática: Como Incorporar estas Estratégias e Resolver Problemas da Voz da Investigadora?

As estratégias enumeradas têm sido postas em prática por alguns investigadores que utilizam a narrativa como método e como objeto de análise. Byrne (2017), no seu ensaio intitulado “Narrative inquiry and the problem of representation: ‘giving voice’, making meaning”, explora o problema da representação das vozes das pessoas participantes, com o qual se deparou durante um projeto de pesquisa que envolvia um grupo de estudantes britânicos e internacionais. Face à multiplicidade de vozes ouvidas, Byrne (2017) escolhe utilizar a primeira pessoa do singular e incluir várias vozes para melhor representar as múltiplas experiências vividas do grupo, incorporando excertos de conversas do mesmo. Para se certificar que esta representação do grupo e das suas experiências coletivas eram autênticas, a autora recorreu ao grupo para verificar a veracidade do que tinha escrito. É nesta fase que a autora aponta um problema: nem todas as pessoas que participaram no projeto responderam ao seu pedido. Isto leva-a a sublinhar que aquilo que escreveu a partir dos dados recolhidos nas sessões de partilha dos grupos era a sua versão do que aconteceu (Byrne, 2017). Apesar de ter usado as palavras dos participantes para descrever e interpretar os dados obtidos, este processo fazia com que o produto final da sua análise fragmentasse as vozes das pessoas entrevistadas em detrimento da sua re-construção das mesmas. Consciente deste obstáculo e das limitações dos métodos investigativos, Byrne (2017) recorre à poesia como forma de descentrar a sua voz e de usar os fragmentos das vozes e experiências dos indivíduos e do grupo em conjunto com a sua própria voz e experiência enquanto investigadora. Utilizando uma colagem de métodos de investigação, a autora explicita a presença da sua voz e a sua influência no processo de representação das vozes e experiências dos estudantes entrevistados, conjugando vozes múltiplas e destacando a intersubjetividade do processo de construção de narrativas.

Por seu lado, Mills (2002), num capítulo da obra *Walking the Tightrope: Ethical Issues for Qualitative Researchers* (2002) dedicado aos problemas éticos relacionados com a construção de histórias de vida no âmbito de um projeto de investigação sobre a história das assistentes dentárias, relata algumas das dificuldades que sentiu durante a entrevista a Hazel, uma assistente dentária, e como estas interferiram na sua relação com a entrevistada e na sua investigação. A autora descreve a frustração sentida durante a entrevista quando se apercebe que Hazel não mostrava interesse pelas suas perguntas ou que não respondia de forma expectável às perguntas colocadas. Refletindo sobre este episódio, Mills (2002) admite que a sua abordagem foi excessivamente fechada, no sentido em que, de acordo com O’Sullivan (2015), abusou da sua voz autoritária, focando-se em demasia no seu saber teórico (nomeadamente, sobre como deveriam ser constituídas uma biografia ou uma história de vida) e nos objetivos que tinha traçado para a sua investigação. Isto fez com que a autora impusesse, ainda que de modo inconsciente, a sua voz, resultando numa situação frustrante para ambas as partes: para Hazel, porque não estava, de facto, a ser ouvida; para a investigadora, porque, no momento em causa, sentia que Hazel não queria responder às suas questões. Para a autora, esta situação sublinha a importância da investigação narrativa se focar efetivamente na voz de quem está a ser entrevistado e, também, a narrativa como co-construção entre investigadora e pessoa entrevistada.

Também Inês Brasão, na sua tese de doutoramento intitulada *O Tempo das Criadas: A Condição Servil em Portugal (1940-1970)*, utiliza a investigação narrativa como um dos métodos de pesquisa para “centrar a interpretação do trabalho doméstico nos próprios sujeitos desse trabalho e não nos que dele se servem, ou serviram” (2012: 11). A investigadora explicita, desde início, o seu objetivo: ouvir as vozes deste grupo, colocando-as no centro da narrativa. Para atingi-lo, utiliza algumas das estratégias anteriormente enumeradas. Por exemplo, inclui, nas páginas iniciais da sua obra, curtas biografias das 18 mulheres entrevistadas (Brasão, 2012: 19–29), bem como um capítulo, no final, dedicado à história de vida de Marta Mendes (2012: 255–274). Para além disso, nas transcrições das entrevistas utilizadas na obra, inclui expressões características da fala espontânea das pessoas, mantendo a autenticidade e subjetividade das suas vozes: “Os dinheiros eram poucos, porque lá ganhava-se muito pouco, e o que havia eu mandava à minha mãe, como lhe digo” (Brasão, 2012: 257;

itálico colocado para ênfase). A inclusão de múltiplas vozes na obra é acompanhada pela inclusão de diversos métodos e fontes, sem nunca, no entanto, deixar que esta diversidade silencie as vozes das mulheres entrevistadas. Brasão coloca estas vozes em diálogo “com fontes de carácter macrossocial, como a estatística, os relatórios médicos, os debates parlamentares, a imprensa escrita, os livros de boas maneiras, os discursos oficiais, a literatura, entre outros” (2012: 12). Muitas destas fontes fazem também parte da investigação narrativa, pelo que a autora cria diálogo entre diversas narrativas para construir o contexto social, histórico, político e cultural das vidas das mulheres entrevistadas. Mais uma vez, é um exemplo do método pluralista e heterogéneo defendido por Feyerabend (1993) e também por Law (2004). Como refere a própria autora, a utilização de vários métodos e fontes pretende colmatar falhas na literatura existente sobre as “criadas de servir” em Portugal; no entanto, a mesma admite que, mesmo assim, continuarão a existir espaços por preencher. Tal como Feyerabend (1993) e Law (2004) defendem, todos os métodos têm as suas limitações, mas só a adoção de métodos que fomentem a heterogeneidade de opiniões e vozes contribuirá para a diversidade do conhecimento científico. A obra de Inês Brasão é um exemplo de como a investigação narrativa sublinha a multiplicidade de vozes que devem ser ouvidas no contexto investigativo e de como estas podem dialogar com diferentes métodos e fontes, de forma a construir uma narrativa plural, complexa e produtora de conhecimento científico.

A investigação narrativa é, de facto, uma metodologia que permite abrir espaço para que vozes outrora silenciadas possam falar, contribuindo, por isso, para uma visão da ciência e do mundo mais inclusiva. Para além disso, é uma metodologia que obriga a uma reflexão sobre o papel da investigadora e sobre a sua posição e perspetiva face ao objeto de estudo e à sua investigação. No entanto, como todos os métodos investigativos, apresenta algumas limitações. Visto ser baseada na construção de narrativas, um dos aspetos que pode levantar problemas durante a investigação é a relação entre investigadora e pessoa participante e, conseqüentemente, o confronto entre as suas vozes. Tendo em conta que o objetivo da investigação narrativa é que se ouçam as vozes de quem está a ser estudado, é, por isso, importante que a investigadora desenvolva técnicas e truques ao longo do seu estudo para evitar que a sua voz se sobreponha à voz dos participantes ao longo das diferentes fases do estudo.

É também importante que a investigadora reflita sobre eventuais problemas com os quais se depara durante este percurso, procurando soluções que satisfaçam ambas as partes envolvidas, sem comprometer a sua relação com a pessoa participante. Apesar da presença da voz da investigadora no contexto da investigação narrativa apresentar várias questões, algumas das quais não contemplados neste ensaio, é possível fazer uso desta de forma a destacar a voz das pessoas participantes, como demonstrado em alguns dos exemplos analisados neste ensaio, cumprindo, assim, o objetivo da investigação narrativa: fazer ouvir vozes que, de outra forma, não seriam ouvidas.

Referências bibliográficas

- “Allegory” (n.d.), in *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary & Thesaurus*. Cambridge University Press.
<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/allegory>.
- Bochner, Arthur P.; Riggs, Nicholas A. (2014), “Practicing Narrative Inquiry”, in Patricia Levy (org.), *The Oxford Handbook of Qualitative Research*. Oxford: Oxford University Press, 195-222.
- Brasão, Inês (2012), *O Tempo das Criadas: A Condição Servil em Portugal (1940-1970)*. Lisboa: Tinta-da-china.
- Byrne, Gillian (2017), “Narrative Inquiry and the Problem of Representation: “Giving Voice””, *Making Meaning’*. *International Journal of Research & Method in Education*, 40(1), 36–52.
<https://doi.org/10.1080/1743727X.2015.1034097>.
- Clandinin, D. Jean; Connelly, F. Michael (1994), “Personal experience methods”, in Norman Denzin e Yvonna S. Lincoln (org.), *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, California: SAGE Publications, 413-427.
- Denzin, Norman (1997), *Interpretive Ethnography: Ethnographic Practices for the 21st Century*. Thousand Oaks, California: SAGE Publications, Inc. <https://doi.org/10.4135/9781452243672>.
- Denzin, Norman K.; Lincoln, Yvonna S. (org.) (1994), *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc.
- Fairclough, Norman (1996), *Language and Power*. London: Longman Group UK.
- Feyerabend, Paul (1993), *Contra o Método*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.
- Hitchcock, Graham; Hughes, David (1995), *Research and the Teacher*. Londres: Routledge.
<https://doi.org/10.4324/9780203424605>. [2ª ed.]
- Hoonard, Will C. (2002), “Introduction: Ethical Norming and Qualitative Research”, in Will C. Hoonard (org.), *Walking the Tightrope: Ethical Issues for Qualitative Researchers*. Toronto: University of Toronto Press, 3-16.
- Janesick, Valerie J. (2014), “Oral History Interviewing: Issues and Possibilities”, in Patricia Levy (org.), *The Oxford Handbook of Qualitative Research*. Oxford: Oxford Univ. Press, 300-314.
- Law, John (2004), *After Method: Mess in Social Science Research*. London, New York: Routledge.
- Mills, Erin (2002), “Hazel the Dental Assistant and the Research Dilemma of (Re)Presenting a Life Story: The Class of Narratives” in Will C. Hoonard (org.), *Walking the Tightrope: Ethical Issues for Qualitative Researchers* Toronto: University of Toronto Press, 107-123.
- Montgomery, Martin (2008), *An Introduction to Language and Society*. London, New York: Routledge.
- Ollerenshaw, Jo Anne; Creswell, John W. (2002), “Narrative Research: A Comparison of Two Restorying Data Analysis Approaches”, *Qualitative Inquiry* 8(3), 329–47.
<https://doi.org/10.1177/10778004008003008>.
- O’Sullivan, Dan (2015), “Voicing Others’ Voices: Spotlighting the Researcher as Narrator”, *International Electronic Journal of Elementary Education*, 8(2), 211-222. <https://eric.ed.gov/?id=EJ1085871>.